Imagens-Movimento: fronteiras

Movement-image: borders

Resumo:

A experiência da fronteira aguça o olhar do estrangeiro. Este que, ao viajar, para além do espaço percorrido, experimenta o ato de percorrer, conecta-se com um presente denso e paradoxal. As imagens-movimentos em África, Moçambique, apresentam um presente que desafia a força da vida.

Palavras-chave: fronteiras, África; imagem-movimento

Abstract:

The experience of being at the border sharpens the look of the foreign. Beyond the space traveled, when the foreign can experiment the act of travelling itself, he connects himself to a paradoxical and dense present. Movements-images in Africa, Mozambique, challenge the power of life.

Keywords: borders, Africa, movement-image

Regina Benevides

Universidade Federal Fluminense

*O movimento não se confunde
com o espaço percorrido.*

*O espaço percorrido é passado,
o movimento é presente,
é o ato de percorrer.
(DELEUZE, 1985, p. 9)*

1 Movimento Um: Maputo-Chimoio por Beira

O calor era intenso. O carro ia lento pela estrada que liga Beira à Chimoio. Percorriamos o chamado 'corredor da Beira' que liga o porto à fronteira com o Zimbábue.

Beira é capital de Sofala e é chamada de segunda capital de Moçambique.

A cidade é movimentada, tem muitos carros e um certo ar de 'crescimento desordenado'. Há muito lixo nas ruas e o mercado de 'trocas e pequenas vendas' é conhecido como 'arriscado', pois lá 'acontece de tudo'(!?).

Acordada desde às 4:30h para um voo que partiria às 6:45 para Chimoio, capital de Manica, fui enviada para Beira, pois a pessoa responsável pela marcação dos voos tinha se esquecido de verificar o destino (!).

Depois de algumas tentativas de convencimento da atendente da companhia aérea de que havia um mal entendido, etc. etc. etc., desisti e resignei-me em fazer mais 3 horas de carro de Beira para Chimoio.

Afinal, o *destino* para onde eu ia tinha sido decidido por um 'esquecimento' de alguém encarregado exactamente de marcar, nas passagens, o... *destino*.

Tentando manter o bom humor às 5:40h da manhã (!), consolei-me pensando que, afinal, devia ser 'uma questão de destino'.

O trajeto pelo 'corredor', entretanto, iniciaria mais tarde do que o previsto, pois o carro só sairia de Chimoio para nos buscar às 8:00h, o que significou uma espera em Beira por três horas, onde fazia 33°C, aproximadamente. As horas de espera me deixaram espaço para brincar um pouco com o que foi se tecendo como pontos que só algum tempo depois ganhariam sentido: destino, beira, corredor, fronteira.

Às 12:30h partimos de Beira. O carro, em condições precárias, era conduzido pelo Sr Fortes (quem diria ser um sr, com nome Fortes, aquele a conduzir-me pelo corredor!). Atencioso, ele procurava orientar-me quanto às características da estrada...*aqui é o rio, ali é o monte onde tem a antena da radio-transmissão, aqui neste pedaço não se para se alguém for atropelado, pois o povo lincha (!?), aqui tem uma ponte onde só passa um carro de cada vez, pois ela não aguenta muito peso, aqui tem bom camarão para comprar...é barato. Vamos parar um pouquinho, agora preciso jogar água na cabeça pois está muito quente e começa a dar sono...*

Procurou conversar bastante pois assim ele não teria como dormir.

A aridez do caminho e o calor escaldante tornavam a estrada mais comprida, mas o Sr Fortes tratava de me contar histórias da região e de anunciar que logo chegaríamos.

No corredor, a beira se desloca e desborda.

Num certo momento do percurso o clima muda e o verde das montanhas mostra frescor. Muda também o *clima* da estrada e, mesmo com grandes caminhões a passar, percebe-se uma certa tranquilidade.

Chegamos em Chimoio. Não há trânsito, há poucos carros, algumas bicicletas, alguns chapas¹ e muita gente se desloca a pé. Atravesso

a cidade olhando estudantes andandado com seus materiais escolares na direção oposta à que eu vou. Deixo rapidamente a maleta no hotel –um dos poucos na cidade– e dirijo-me para um Centro de Formação de professores onde o trabalho *estava a correr*, como se diz por aqui.

Imaginava uns cinco minutos de carro no máximo, pois a cidade é pequena. Levou quase 25! A Escola de Formação ficava fora da cidade. Apesar de cercada por uma montanha, o calor intenso e as poucas plantas existentes na escola faziam explodir a secura e o pouco acolhimento do lugar. O trabalho era de formação de professores do ensino primário em questões de HIV-SIDA. Procuro integrar-me ao grupo e me movo rapidamente da posição de 'observadora-convidada' para participante interessada levantando questões e me juntando a eles nas inquietações com relação aos jovens e adolescentes.

O corredor da Beira que chega até a fronteira com o Zimbabwé, passando por Manica, é alvo de grande preocupação pelo alto índice de prevalência de HIV registrado em Sofala – 23%(!). Se a situação já é suficientemente grave, imagine-se quando, a isto, se junta a severa crise económico-política no Zimbabwé fazendo com que milhares de pessoas migrem de lá para Moçambique através da fronteira com Manica. A fome, a miséria, a falta de água reúnem-se de maneira violenta e dolorosa tornando o mercado de trocas sexuais desprotegidas de alto risco.

Como fazer do corredor uma ligação que fortaleça a vida, como tornar a fronteira experiência de ir e vir sem ameaças?

Quatro dias depois retorno de Manica. Desta vez verifico, antes de sair para o aeroporto, se o 'destino' era mesmo Maputo. Chego cedo, respeitando a orientação do pessoal local de que o avião era pequeno e que se não chegasse na hora poderia não conseguir embarcar. O aeroporto estava fechado. Aguardo e, uma hora depois, quase na suposta hora do embarque, chegam os atendentes. O avião atrasou quatro horas.

2 Movimento Dois: Maputo-Gaza

Uma semana em Maputo e parto para Gaza. Vou de carro, pois Xai Xai, a capital, fica a três horas. O trabalho a fazer era o de supervisão do Programa em que estou inserida. O cenário

1 Chapas é o que equivaleria no Brasil às Vans, transportes privados a preços baixos, em geral com pouquíssima segurança. Em Moçambique não há praticamente transporte público e os chapas são usados principalmente nas zonas urbanas e peri-urbanas, já que nas zonas rurais anda-se mesmo à pé ou de bicicleta.

é ainda mais preocupante. O diagnóstico é de que há um elevado número de mineiros que trabalham da África do Sul e estes, quando retornam para Moçambique, engravidam suas mulheres. Grande parte das vezes estão infectados pelo HIV. Além disso, com dinheiro, estimulam a prática do sexo transacional intergeracional (sexo desprotegido praticado entre meninas e homens em geral 10 anos mais velhos em troca de bens materiais). Além disso, como em Manica, a província tem certas práticas culturais, como a purificação da viuvez (*ku tchinga*) que é também factor de risco de transmissão do HIV. No *ku tchinga*, a viúva é obrigada a manter relações sexuais (sem proteção) com o cunhado ou outro homem indicado pela família do ex-marido para que a alma do morto 'descanse em paz'. A alta prevalência de HIV na África do Sul e em Moçambique, a pobreza e as crenças socio-culturais fazem uma mistura explosiva e letal.

A fronteira é ameaça, é risco. Teme-se as misturas, teme-se 'o que pode passar pela fronteira'.

Vou aos Districtos acompanhar o trabalho que está sendo feito. A estrada é de terra batida. O carro pula. Faz calor. Água, só de poço. Transporte não há. Anda-se longas distâncias para ir à escola, ir ao posto de saúde. Procuramos uma das escolas que havíamos combinado de visitar para acompanhar como estava sendo feito o trabalho. Erramos o caminho. Depois de

algumas voltas, entramos pelo meio de árvores. O carro desliza na areia fofa. Seguimos. Ao longe avistamos umas tendas. Na aproximação, crianças sentadas na areia sob uma grande tenda. A professora com um pequeno quadro-negro ensina o alfabeto e algumas contas. O calor era escaldante. As crianças nada diziam... olhavam com olhos de pouco ver.

Disse-me depois a directora pedagógica que havia duas salas de aulas para os estudantes mais velhos. Os *miúdos* não tinham lugar a não ser sob a tenda. Fixada nas crianças e na professora na tenda, não conseguia encontrar as palavras para dizer nada sobre o Programa, sobre a prevenção do HIV. Sem ainda conseguir desgrudar o olhar das tendas-com-as-crianças, perguntei: gravidez entre as alunas? Sim, muitas. Ah... vocês tem classes mais avançadas, onde há adolescentes, então? É, mais ou menos... as meninas que engravidaram no ano passado tinham 12/13 anos e este ano até agora em março, já soubemos de mais seis casos.

Fronteiras? Destino, como querem alguns? Que critérios dividem as meninas entre as que têm chances de experimentar atravessar as fronteiras, experimentar outro mundo? Que corredores lhes são oferecidos?

A escola, no meio das árvores, na areia deslizante, nas tendas, abrigava meninas grávidas que abandonariam os estudos muito rapidamente e, se tivessem sorte (!?) não morreriam no parto, ou de SIDA.

MOZAMBIQUE: HIV Prevalence, ANC 2007

3 Cortes Móveis

Quando reportamos o movimento a momentos quaisquer, devemos nos tornar capazes de pensar a produção do novo [...] não só instante é um corte móvel do movimento, mas o movimento é um corte móvel da duração, isto é, do Todo ou de um todo [...]

(DELEUZE, 1985, p. 16-17)

Querida Regina: recebo (emos) tua carta de março-abril. As paisagens que se descortinam são impressionantes e poderia vir a dizer que todas situam-se na 'beira'. Você, com seu olhar contemplador, situa-se sempre no entre a beira e o chimoio, região frequentada devido ao esquecimento, e que também parece ter sofrido ela própria o esquecimento de si. Região que de tanto esquecer-se já não consegue discernir o que lhe convêm e adota, ao acaso, misturas explosivas e letais que virão desenvolver existências por um triz. Vidas sem futuro, e perenemente estacionadas no movimento UM, não obtendo deslocamentos até a tenda da alfabetização. Não chegam a Gaza. Estacionárias que se tornam nas circunstâncias de sua imediatez. Talvez para elas o alfabeto não possa gerar outras linguagens. Não sei, não quero ser pessimista. Seria cômodo demais, eu aqui de minha poltrona, do outro lado do Atlântico, ajuizar sobre as potências destas vidas.

Minha amiga querida: quis imaginá-la nestas perdições entre aeroportos, carros e desertos; quis visibilizar sua pequena figura que já fala carregando os cês nas palavras; quis imaginar sua escuta com o Sr. Fortes que lhe mostrava apenas o visível; quis imaginar suas emoções na pequena tenda do encontro da professora e das meninas grávidas e não-grávidas que apenas olhavam... quis imaginar sua indignação com o 'esquecimento' que a forçou ao desvio; quis e gostaria ainda imaginar sua coragem, sua persistente insistência, sua resistência nestas terras secas e com tão poucas árvores. Sempre pensamos a África como uma linda floresta, cheia de negros a tocar seus tambores, irmanados pelos sons dos rios e pelas luzes dos trovões. Imaginamos uma África 'natural' não açoitada pela peste do homem, uma África que, nós escravizamos com nossa cultura branca e ocidental. Vemos que a própria África se mal-trata, produz suas

pestes, entranha-se nos comércios com o baixo preço de sua estima. Estigmatiza-se por tradições inomináveis aos nossos olhos, como o caso das viúvas, limita-se por crenças e superstições. O que lhe restaria de pensamento reflexivo? Que escravidão é esta a que a África serve como a um destino imperativo?

Não sei se me fiz clara. Mas quero dizer que suas cartas são preciosas cartografias, cujos efeitos em nós somente são possíveis pelo peso da África em você.

Minha querida amiga africana: Obrigada pelo envio de sua correspondência.

Com muito **afecto**, da tgf

Querida amiga: Leio tua carta de março-abril como se entrasse em um corredor que me levasse à beira de algo. Leio e me aproximo. Vou indo. Sinto o movimento de aproximação. Vou no crescendo da afecção que o texto me produz. O movimento é afetivo – me movo como se só sentisse o movimento, no lugar (*sur-place*). Mas o mais próximo que chego é à beira. Tangencio, fronteirizo. Na fronteira, me sinto à beira de algo. Foi muito importante receber junto à carta o mapa de Moçambique. Percebi que fui ávido a ele como se procurasse algo. Procurava alguém. Posso perceber o que o texto narra. Posso mesmo ter diante de mim a paisagem de Chimoio e de Gaza. Não tenho dúvida da firmeza de minha amiga no aeroporto, na viagem a carro, na tenda esburacada em meio à África. Em meio à África... No meio está a fronteira. Moçambique/Zimbabué? Zimbabué/África do Sul? Com Tanzânia, Malawi? Mas eu sinto aqui uma fronteira. Procuro, em meio ao que sinto, algo. Sinto a beira. Onde está minha amiga? Em uma fronteira, ela me diz. Aproximo dela e me sinto à beira. Lá estou com ela ou sem ela? Como se está na fronteira? Sabemos – deste saber que construímos juntos – que no limite não estamos nem dentro nem fora. Dissemos: tô fórum. Em que fórum me encontro com ela? Um fórum virtual. Um fórum transatlântico. Um fórum que liga o Brasil e Moçambique em um instante, quase sem tempo. Um fórum quase sem tempo. O que procuro talvez seja um tempo como aquele das segundas em Ipanema, das quartas em Niterói, dos sábados em São Paulo. Procuro um espaço-tempo do qual agora só chego à beira.

Um bj. Edu P

Querida Re: Quando chegará a carta de março??!! E a de abril??!! Valeu a espera! As palavras encantam, emocionam!

Educação e tendas e, e... Educar? Do que se trata? Destino, beira, corredor, fronteira... Sr. Fortes; Regina-força-potência-solidariedade... Um bj amiga. Bete

Referência

DELEUZE, G. *Cinema 1: a imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Notas a posteriori

Esta carta foi escrita em 2008. Era o segundo ano de alguns (hoje já quatro) vividos em Moçambique. O estilo epistolar impôs-se pela absoluta e fundamental certeza de que é na experiência da conexão afectiva por ele permitida, ser possível sustentar a utopia da aposta-invenção de um outro mundo possível. Por isto a carta enviada traz também respostas de três outros interlocutores/intercessores: Tania Galli, Eduardo Passos e Bete Barros. Apenas com o plano comum da amizade que construímos é possível fazer variar o que poderia ser um relato impressionista de um estrangeiro numa experiência colectiva em que o familiar guarda o necessário estranhamento que força mudar. Habitar a fronteira – coisa a que o estrangeiro é imediatamente lançado quando 'sai de seu território' – é coisa arriscada, é habitar um não-lugar. É aí, neste não lugar, que se pode arriscar outro caminho.

Regina Benevides. Maputo, agosto 2011

*Recebido em maio de 2010.
Aprovado para publicação agosto de 2010.*

Regina Benevides

Psicóloga; Assessora Técnica da Pathfinder International Moçambique; Professora da Pós-Graduação em Psicologia da UFF; Pós-Doutorado em Saúde Coletiva. Vive há 4 anos em Moçambique onde trabalha na ONG Pathfinder International como Directora de Programas em saúde e direitos sexuais.
Email: rebenevi@globo.com